1. ANNO — Sabbado, 18 de abril de 1908 — Numero 9

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORR[illegible]

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commerc[illegible]

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. **Minerva Central** de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 r[illegible]
Repetições	15

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

RESURREXIT

Ha pouco mais de desenove seculos, periodo insignificante da grande e desconhecida edade da Terra, que, por uma tarde sinistra de tempestade, n'um cerro desolado do Calvario, se consumou a tragedia dolorosa que mais tem emocionado os povos da velha Europa.

Não que a morte injusta d'um homem, seja elle embora um heroe ou um martyr, fosse por largo tempo viver na saudade e admiração dos vindouros, mas porque os ideaes generosos e puros que elle defendia, tinham creado fundas raizes na alma singela dos bons e dos humildes.

As ideas d'esse Homem, revolucionando pela paz, pela verdade e pelo amor, foram como as boas sementes lançadas á terra creadora, bem depressa regadas pelo sangue dos martyres que as continuaram apostolando, sem que a tyrannia dos Cesares conseguisse suffocal-as no coração dos seus proselytos.

Regadas com sangue, os fructos sazonaram em breve e da sua abundante colheita ainda hoje se alimentam muitos dos que soffrem, como se a crença n'um futuro melhor, a esperança d'um sonho de justiça a realisar, embora no desconhecido *Alem*, os retemperasse para as luctas da vida, adormecendo-lhes o soffrimento.

Mas, deixando de parte a religião do Christo com tudo quanto n'ella ha de bom e piedoso, sem mesmo nos insurgirmos contra os falsos sos apostolos, que hoje dizem a andar pregando, nós, n'este dia de Paschoa, em que os judeus festejam a sua libertação do captiveiro egypcio e a Egreja catholica a resurreição de Jesus, não queremos ver agora mais do que o symbolo, innato na consciencia dos povos, da sua propria Redempção.

Messias para os hebreus, Hercules para os gregos, quando inventaram o mytho de Prometheu algemado ás montanhas do Caucaso, Isiris para os egypcios, por quem a saudosa Isis chorava á beira do Nylo, é sempre a propria resurreição que o Povo espera e anceia no seu sonho claro de vidente, a que a imaginação dá a forma d'um mytho religioso.

Assim, a glorificação que hoje se faz, na hosanna esplendorosa da Primavera ao Sol creador, na alleluia dos canticos. nos fumos aromaticos dos thurybulos enchendo a nave das cathedraes, não é unicamente pelo recolhimento mystico da Crença pois que, para os de verdadeira fé, Jesus é ainda o Salvador do Mundo, o Consolador, o Divino.

Sobre a alma serena do Christo, na sua ascensão triumphal, desfolham-se as petalas da Esperança, flôr que não morre no coração dos tristes, regada pela uncção sublime das lagrimas e a luz suave do milagre, coada atravez da neblina da ignorancia ingenua, illumina os olhares dos crentes.

Mas, do fundo da consciencia do Povo uma voz se ergue, como um echo de todas as miserias soffridas, como um gemido de todas as dores supportadas, como um clamor de todas as desgraças, de todos os desesperos, gritando, como o forte Prometheu algemado, da tragedia de Eschilo:

—Oh Justiça, oh minha mãe, tu vês o que me fazem soffrer?!

E quem sabe, se, fitando a imagem do Crucificado, o Redemptor, o Salvador, tambem junto ao tumulo das suas esperanças, das suas aspirações, dos seus direitos, sacrificados pelos phariseus do Despotismo, não esperará vêr surgir o Anjo da Liberdade, clamando, como lhes ensina a religiosa lenda:

— *Resurrexit! Resurrexit!*

* * *

Que importa a Oppressão, na epylepsia raivosa da colera, querer algemar as ideias que os povos, nas vesperas da sua emancipação social, vão aprendendo como um novo credo, se ellas são immortaes como o Futuro, eternas como o Progresso e livres como o Pensamento?

Em sua evolução constante, como a luz d'um novo astro que se viesse aproximando da Terra, luz immorredoura e cada vez mais intensa, essas ideias de emancipação e liberdade, propagam-se e expandem-se á medida que se vão illuminando os cerebros.

Dissipam com fulgidos clarões as trevas da Ignorancia; despertam as consciencias dos sacrificados ao trabalho sem descanço e em cada alma inculta vão semeando o germen das boas doutrinas da felicidade social.

O exemplo de ainda ha pouco é bem frisante, exemplo que o suffragio eleitoral nos mostrou, apesar da criminosa ignorancia em que a Monarchia tem deixado o Povo portuguez.

A expansão democratica cresce n'uma progressão geometrica.

De suffragio a suffragio a onda augmenta e desde Lisboa, o centro da actividade intellectual, até á mais remota aldeia da nossa Patria, um clamor se ergue aspirando á Redempção pela Republica.

E' como uma nova religião que fructifica nas consciencias, accordando na alma portugueza energias que se conservavam latentes, á voz dos apostolos da Democracia, dentro em breve, só pela propria força expansiva das altruistas ideias da Justiça e da Verdade, nada haverá que possa deter esse incendio que lavra em todos os pensamentos, purificando e illuminando ao mesmo tempo, como a preparar o terreno onde hade vicejar a arvore da Liberdade.

A Paschoa republicana aproxima-se e o Povo, o sacrificado, depois de ter subido de rastos o Calvario das suas miserias, ter sido açoutado pelos pharyseus do Poder e explorado pelos vendilhões da politica monarchica, vae ouvir tambem, como na lenda christã, a Republica clamar:

Resurrexit! Resurrexit!...

SAMUEL MAIA.

Não é necessaria muita probidade para que uma monarchia ou um governo despotico se sustente. A força das leis n'um, no outro o sempre levantado braço do principe, regulam ou contêm o todo social.

N'um estado democratico é precisa mais alguma coisa: que é *a virtude*.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Aos republicanos

A Commissão Districtal Republicana d'Aveiro, avisa todos os cidadãos republicanos, maiores de 21 annos, pagando contribuição não inferior a 500 reis, que lhes é facultado pela lei, inscreverem-se ainda no recenseamento eleitoral.

Convida-os, portanto, a entregarem, sem demora, o documento comprovativo d'essa contribuição, relativa ao anno de 1907, aos presidentes das assembleias parochiaes.

VISCONDE DA RIBEIRA BRAVA

Este illustre titular enviou ao nosso collega *O Mundo* a carta que adiante publicamos a fim de ser lida por toda a gente do nosso districto.

E' uma resposta ás infamias que os thalassas mores inventaram lá pela capital e que os thalassinhas da provincia vão repetindo ahi todos os dias.

Segue a carta:

Ill.^mo^ e ex.^mo^ snr. Director do *Diario Popular*.—No seu jornal d'esta manhã publicava v. ex.ª um *suelto* desmentindo com nobreza o que aleivosa, cruel e infamemente tem sido espalhado á bocca pequena e por torpes e vagas insinuações na imprensa e até em *nobres* salões da capital ácerca do capote de Buiça.

Seria infantil a pretenção de querer inculcar que ignoro quem seja *«o pae preso nos ferros d'El-Rei, e o filho que o pretendia desaggravar.»* De ha muito que me chegam aos ouvidos os echos de essas infamias cuidadosamente acobertadas com o anonymato do —*«diz-se»*—sem nunca se poder saber quem diz, sem haver meio de attingir com um chicote os vis canalhas, ou de cuspir sobre as devassas bisbilhoteiras, que passam a vida na atmosphera da cobardia, levando e trazendo, intrigando e calumniando, embora horas depois se vão prostar aos pés dos confessores como christãs immaculadas.

Ainda bem que v. ex.ª me proporcionou o ensejo de vir aqui reptar essa horda de cobardes e de viboras a que sejam logicos com o seu acrisolado amor á monarchia, indo com accusações concretas perante a justiça, onde está aberta uma devassa, denunciar os criminosos, entregar aos juizes todos os elementos para que sejam castigados todos os cumplices no attentado do Rei, que tanto amavam e tanto choram.

Porque o não fazem? Porque o não fizeram já?

Preferem envergar o capote á Buiça, occultando debaixo de elle a arma ignobil com que andam apunhalando reputações, elles que prepararam com o seu requintado egoismo e feroz maldade a tragedia de 1 de fevereiro.

Desculpe-me v. ex.ª snr. Director, a violencia d'este desabafo, attendendo a que se trata de filhos meus, cujo caracter, brio, honra e bondade, estão acima de qualquer suspeição; mas é preciso, de uma vez para sempre, desmascarar esse bando de *snobs* e mostrar-lhes que ninguem os teme, nem mesmo na sua obra de toupeiras.

Se querem alevantar-se até á dignidade de homens, appareçam, digam o que *sabem*, accusem franca e desassombradamente; não tenham piedade dos criminosos e prestem esse grande serviço á monarchia, de que teem sido apenas miseros e ridiculos parasitas e seus algozes inconscientes.

Com toda a consideração [illegible] estima—De v. ex.ª muito att.[illegible] amigo e obg.—Lisboa, 14 de abril de 1908—*Visconde da Ribeira Brava.*

A Republica tem por principios: Liberdade, Egualdade e Fraternidade e por bases a Familia, o Trabalho, a Propriedade e a Ordem Publica.

Quem foi?

A *Vitalidade* affirma que um chefe politico cá do burgo aventou a ideia de os monarchicos *empalmarem* o comicio republicano ahi ultimamente realisado, como se isso fosse possivel n'uma terra verdadeiramente democratica como Aveiro.

Accrescenta que o tal *chefe* faz correr, agora, a versão de que foi elle quem salvou os republicanos do desgosto de uma perturbação no seu comicio.

Macacos nos mordam, se podemos adivinhar quem foi esse illustre cidadão que pretendia pôr *obstaculos* a uma manifestação ordeira e legal do partido avançado.

Mas... chefe politico... Club do Rocio... *O Democrata gustava* que a *Vitalidade* esclarecesse mais um bocadinho o caso.

Pode ser?

Dissertando sobre o resultado das eleições em Portugal dizia, ha dias, um periodico estrangeiro, que tinha ficado surprehendido com o facto de o partido republicano não ter levado á camara popular, em 5 de abril, a maioria dos deputados. E, d'ahi, concluia que o regimen monarchico é, ainda, o systema querido da quasi totalidade do povo portuguez.

Ignoram, ou fingem ignorar, os illustres jornalistas estrangeiros que em terras luzitanas as eleições, na maioria dos casos, não significam ou, por outra, não significam aquillo que aparentam.

Tambem, por egual, desconhecem esses distinctos jornalistas o que seja a lei eleitoral em vigor n'este paiz; que do recenseamento politico foram violentamente excluidos milhares de cidadãos com cujos votos a monarchia não poderia contar; que á opposição leal da democracia oppõe o regimen, pretendendo anniquilar-nos, a força armada, mil burlas, mil veniagas, mil latrocinios.

Não obstante, porém, todas essas eliminações fraudulentas, todas essas tranquibernias immoralissimas, a verdade é

que a votação republicana cresceu, em todo o paiz, d'uma maneira espantosa e bem significativa.

E não fosse a coacção exercida sobre certa porção do eleitorado, não fossem as chapelladas infames e descaradas, vindas de terras sertanejas, que abafam a voz consciente dos centros cultos, na maioria dos circulos sahiria das urnas triumphante a Republica.

As condições de lucta entre republicanos e monarchicos são bem differentes, toda a gente o sabe cá dentro.

Pois ainda assim e sem embargo de contra a Republica se haverem colligado todos os elementos monarchicos, o dia 5 de abril marca uma data celebre na vida do nosso partido.

Pretendem os adeptos do regimen amesquinhar, internamente e lá fóra, a força do partido democratico em Portugal.

Mas, como factos são factos, e contra elles não ha argumentos, nós só chamaremos a attenção de quem nos lêr para o seguinte:

O partido republicano tem, hoje, no parlamento **sete** representantes e, até 5 de abril, nunca conseguiu eleger mais de **quatro.**

Até aqui, só Lisboa e Porto haviam obtido levar deputados republicanos á camara popular, agora tambem vão a S. Bento deputados republicanos, eleitos pelos circulos de Beja e Setubal.

Comparem-se as votações monarchicas de 1906 com as de 1908, ver-se-ha o decrescimento enorme d'ellas nas ultimas eleições. Se, por outro lado, confrontarmos as votações republicanas de 1906 e 1908 veremos que, duplicando em Lisboa e Porto, em outras localidades ellas quintuplicaram.

O jornal estrangeiro, se se desse ao cuidado de procurár saber primeiro os motivos por que o partido republicano não tem no parlamento a maioria dos deputados, não ficaria surprehendido.

Ficaria surprehendido, sim, com a prudencia, a calma, a serenidade do partido democratico portuguez diante os milhares de traficancias de que a monarchia lança mão para esmagar a consciencia nacional!

Sangue!

Bem iniciado, não haja duvida, o reinado do joven rei D. Manoel II!

Porque o povo de Lisboa, no domingo, se opoz ás traficancias projectadas para roubar os deputados republicanos, a municipal, horda de janizaros pagos pelo povo para... defeza da monarchia, uma vez mais espingardeou o mesmo povo, assassinando-o impiedosamente, sem o mais leve motivo que justificasse a barbarie.

O sangue popular correu a jorros, havendo mortos e um sem numero de feridos. E era tal a sanha dos mastins da municipal, que nem mesmo poupou praças do exercito, que tambem foram suas victimas, alvo das suas balas!

Em pleno periodo de acalmação não póde haver melhor calmante do que a guarda pretoriana dando largas aos seus extinctos de féra sanguinaria e tentando fortalecer os carcomidos e condemnados alicerces do throno do rei-menino com cadaveres de cidadãos que se não deixaram roubar sem protestos.

Se de muitos olhos brotam lagrimas sentidas pelos que nas ruas da capital, e pugnando pelos seus direitos, perderam a vida, da maior parte das boccas saem duras mas justas phrases de condemnação para um regimen que só pode manter-se assassinando os filhos da Patria que levou até á ruina.

Se quando qualquer governo tenta subtrair ao povo os seus direitos e liberdades, augmentar-lhe os impostos, negociar com o extrangeiro a venda de alguma possessão ou um contracto ruinoso, o povo se levanta, cheio de colera, o que quer esse governo da monarchia que o povo faça quando é espingardeado nas ruas?

Que responda cada um conforme a sua consciencia.

Os fuzilamentos de domingo, a intervenção no acto eleitoral da guarda pretoriana, sem que para isso fosse reclamada, a quem se devem?

Não sabemos. Mas o que podemos dizer é que se assassinam cidadãos com a mesma furia e semcerimonia com que se matam cães damnados!

Não podia ter melhor inicio, não haja duvida, o reinado do joven rei D. Manoel II, que podia ser feliz longe de Portugal, e, muito especialmente, longe dos pessimos conselheiros que o rodeiam, e hão de perdel-o, e que, já agora, ha de ter a perseguil-o sempre, clamando vingança, as sombras dos filhos do povo assassinados no domingo por se não deixarem esbulhar dos seus direitos.

(Da *Democracia do Sul*).

Nenhum paiz culto, na accepção rigorosa do vocabulo, é, no presente, propriedade exclusiva de um homem, de uma familia ou de uma casta. O territorio é da nação, que se governa e se administra por meio de seus representantes ou mandatarios.

A imprensa e a opinião publica são dois poderosos elementos de governo, e duas grandes forças sociaes que o poder supremo não logra nunca desprezar impunemente. As convulsões politicas, ainda que por vezes demoradas, são a resposta dada quasi sempre, ás insensatas provocações dos que dirigem as sociedades.

VISCONDE DE OUGUELLA.

CADASTROS PARTIDARIOS

A Commissão Districtal Republicana de Aveiro convida, por este meio, todas as Commissões Municipaes do districto a enviarem-lhe, com a maxima urgencia, uma copia dos cadastros de todos os republicanos dos respectivos concelhos.

Cartas anonymas

Em tempo, quando eramos estudante, assistimos á representação de uma comedia intitulada, se bem nos parece, **Por causa de uma viuva.**

N'uma das scenas d'essa comedia, por signal fina e engraçada, pôz o auctor, na bocca do galan, as palavras seguintes: **A carta anonyma é a arma vil do cobarde que tenta ferir nas trevas**...

Ora, realmente, quem forja e envia uma carta anonyma, é um cobarde.

Quem se acoberta com o anonymato, só para injuriar ou diffamar, é um canalha, é um malandro, é um bandido.

E' um biltre, um velhaco da mais infima ralé, que não tem coragem de apresentar-se de viseira erguida a defrontar com outro homem.

A's vezes, coincidencias do acaso, o bandido tem, no seu nome, as mesmas iniciaes do nome da pessoa a quem pretendeu molestar...

Como se um gatuno injuriasse um homem honesto chamando-lhe ladrão, como se um bebedo affrontasse um cidadão sobrio e moderado alcunhando-o de ebrio?!

Nas terras populosas não é facil, quasi se torna impossivel, ás vezes, descobrir o birbante, o tratântola, porque elle perde-se no turbilhão mundano; nos pequenos centros já o caso muda de figura, porque, conhecendo-se quasi todos, sabem-se as manhas de uns e as virtudes dos outros.

Não se ignoram os processos que Fuão ou Beltrão empregam, ou têm usado, para attingir certos fins.

E assim, se alguem, n'uma pequena cidade, recebe qualquer carta anonyma insultuosa, logo *põe o dedo*, porque *cesteiro que faz um cesto*...

O escrevinhador anonymo, transparece.

E' que os actos da vida de um homem são para a denuncia do seu caracter, o que, por exemplo, o acido pyrogalhico, o sulfato de sodio, o sub-carbonato de sodio e agua, combinados nas devidas proporções, são para a revelação de uma chapa photographica sensibilisada que n'elles se mergulhe...

O anonymato se é uma infamia, que revolta como todas as infamias, quando um individuo se esconde para ferir na treva e não ter o premio da vileza que pratica, é por outro lado uma virtude quando elle nos occulta um lúcido talento ou uma alma generosa e boa.

O primeiro é digno do mais completo desprezo; o segundo cria jus a admiração de todos os homens de bem.

OBSERVADOR.

O FUTURO DOS NOSSOS FILHOS

I

Como somos egoistas! Nos nossos desejos de revolução raramente pensamos nos outros. Expomos as queixas das classes trabalhadoras, principalmente as dos homens, reivindicamos para elles o direito aos instrumentos de trabalhos e ao producto integro do seu labor, exigimos que se faça justiça. Principiando a saber que somos o numero e a intelligencia, sentimos nascer em nós a vontade de obrar e, na semiconsciencia da nossa força, preparamo-nos para a revolução.

Se nos sentissemos os mais fracos, vis como na maioria somos, mendigariamos ainda as migalhas que caem da mesa dos reis.

Mas acima do homem, por mais desgraçado que seja, está a creança.

Este fraco ser não tem direitos e depende do capricho benevolo ou cruel.

Nada o protege contra a indifferença ou a moralidade dos seus senhores.

Quem lançará, pois, em seu favor, o grito da liberdade?

* * *

Na actual sociedade toda a auctoridade é exercida de senhor para escravos, segundo uma lei logica.

Deus reina nas alturas, imperando nos ceus e delegando seus poderes na terra ao mais forte, sacerdote ou rei, Hildebrand ou Bismarck.

Em baixo estão os satrapas de todos os nomes, governadores e sub-governadores, generaes e capitães, chefes e subchefes, todos curvarão a espinha ante seu superior, todos orgulhosos ante os subditos: por um lado a adoração, por outro o desprezo, aqui o mando, alli a obediencia.

Nada se encontrou de melhor desde Jacob; a sociedade não é mais que uma serie de degraus que baixam de Deus ao escravo e continuam até ao inferno. Os infernos, os abysmos de tormento não são mais que o symbolo do que teem de soffrer os vencidos e os debeis.

* * *

E entre os ultimos figuram as creanças que serão as grandes bestas de carga.

Peço aos homens sinceros que se lembrem de seus primeiros annos. Ou foram infelizes desde que nasceram ou, tendo-lhe sido faceis as primeiras luctas pela vida, viram soffrer pequenos camaradas de soffrimentos irremediaveis, contra os quaes toda a rebellião era inutil: que podiam fazer contra as violencias, os roubos e os vis insultos dos grandes?

Nada a não ammontoar no seu coração um thesouro de vingança que, ao serem grandes, gastam talvez a fazer mal a outras creanças.

* * *

Por outro lado, por ternos que sejam os paes, por muito que se sacrifiquem pela felicidade dos filhos, hão de soffrer por sua vez as condicções que lhes cria a sociedade em que vivem e submetter egualmente a ellas os seus descendentes.

Sabe-se perfeitamente quão duras estas condições são para o pobre.

O filho do pobre entra creança ainda na fabrica, faz-se creado da machina formidavel que tece a lã e trabalha o ferro. Tem de obedecer não só aos patrões, aos contra-mestres, a inumeros operarios, mas tambem se torna escravo das engrenagens, cujos movimentos tem de observar para regular os seus proprios movimentos. Não pertence a si, todos os seus gestos são mecanicos, toda a sombra do que poderia ser o pensamento n'elle não é mais do que um acompanhamento da obra do monstro impulsionado pelo vapor.

* * *

E' assim que chega a homem, se a fadiga, a anemia, a miseria não lhe puzerem antes termo á vida.

Doente do corpo, pobre de intelligencia, sem ideias moraes, que póde ser d'elle e quaes são as suas alegrias?

Grosseiras, brutaes sensações que não o despertam um momento senão para o deixar cahir de novo mais entorpecido, mais incapaz de escapar á sua escravidão.

E os legisladores occupam-se de vez em quando de «zelar o trabalho das creanças nas fabricas!»

* * *

Segundo estas leis, que algumas pessoas teem a audacia de elogiar como maravilhas de humanidade; nenhum patrão tem o direito de obrigar a creança a trabalhar mais de 12 horas, nem privá-la do somno da noite «senão em casos excepcionaes».

E a excepção, como bem se sabe, converte-se sempre em regra.

O mesmo é que dizer que é permittido envenenar, mas só em pequenas doses, envenenar, mas só á força de pequenos golpes.

II

Admittamos, porém, que o trabalho das creanças nas fabricas venha a ser prohibido; supponhamos mesmo que os paes recebam uma pensão do Estado para o compensar da perda do pequeno salario que o patrão daria á creança.

Assim a escola estaria aberta e a educação seria completa tanto para o filho do pobre como para o filho do rico.

Agora que a escola é laica, a formula religiosa foi substituida por uma formula grammatical, as incomprehensiveis sentenças latinas por palavras do nosso idioma, que não são mais claras.

* * *

Pouco importa que a creança comprehenda ou não; é mister que aprenda algum formulario traçado d'antemão.

Depois do absurdo alphabeto que o faz pronunciar as palavras d'um modo differente d'aquelle que as lê, veem as regras grammaticaes que recita de cór, logo em seguida as barbaras nomenclaturas a que chamam geographia, depois a descripção dos crimes reaes conhecidas pelo nome de Historia.

E como póde o homem, ainda que bem dotado, desembaraçar o seu cerebro de todas estas cousas que n'elle fizeram entrar á força, muitas vezes com o auxilio da férula de excessivo trabalho?

E não teem essas escolas a sua escravidão, horas d'aula e barras nas janellas?

Para educar uma geração livre necessario é destruir as prisões chamadas collegios e lyceus!

* *

Pensemos mais no futuro dos nossos filhos do que em melhorar a nossa situação.

Nós, não o esqueçamos, pertencemos mais ao mundo do passado do que á sociedade futura. Por nossa educação, nossas velhas ideias, nossos preconceitos, somos ainda inimigos da nossa propria causa: ainda se vê o vergão da grilheta nos nossos pés.

Tratemos de salvar os nossos filhos da triste educação que recebemos; aprendamos a educá-los de modo a desenvolverem-se na mais perfeita saude physica e moral; saibamos fazer d'elles homens como quereriamos ser.

* *

Não esqueçamos: o ideal de uma sociedade realisa-se sempre.

A actual sociedade, representada pelo estado, fez pela educação, o que queria fazer.

O que faz o estado das creanças sem familia que toma a seu cargo?

Reune-os em hospicios, onde, mal alimentados, mal tratados, succumbem o maior numero; dos restantes faz soldados, carcereiros e policias.

Eis a sua obra. E a sociedade que elle representa fica satisfeita.

* *

Tenhamos a firme resolução de fazer dos nossos filhos homens livres, nós que ainda não temos da liberdade senão uma vaga esperança.

E. Réclus.

NOTICIARIO

Banquete de despedida

Sob a presidencia do meritissimo juiz de direito d'esta comarca e com a assistencia dos differentes funccionarios judiciaes e advogados realisou-se, no passado domingo, no salão nobre das sessões da Camara, o banquete offerecido ao snr. dr. José Libertador Ferraz d'Azevedo, ha pouco promovido a juiz de direito para a comarca de Reguengos de Monsaraz e que, durante mais de dez annos, exerceu em Aveiro as funcções de delegado do procurador regio.

O jantar decorreu sempre com a maior animação, assistindo a elle, além do festejado, e do meritissimo juiz, snr. dr. José Pinto Ferreira Dias, os seguintes funccionarios e advogados: dr. Jayme Dagoberto de Mello Freitas, sub-delegado; dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, conservador; Francisco Marques da Silva, Silverio Augusto B. de Magalhães, Albano Duarte Pinheiro e Silva, João Luiz Flamengo, Manoel Cação Gaspar, Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, Antonio Augusto D. Silva, escrivães; drs. Jayme Duarte Silva, Cherubim do Valle Guimarães e André dos Reis, advogados.

Ao champagne usaram da palavra, os snrs. drs. Juiz de Direito, Jayme Silva, Valle Guimarães, Antonio Carlos, André dos Reis e ainda o escrivão snr. Silverio de Magalhães enaltecendo todos, com justiça, o caracter honesto, saber e intelligencia do distincto juiz de Reguengos de Monsaraz, cuja sahida d'Aveiro é por todos extremamente sentida.

No final, o snr. dr. José Libertador agradeceu commovidissimo a manifestação que lhe era feita por todos os seus amigos.

Não poderam comparecer, por motivo de doença, os snrs. drs. Joaquim Manoel Ruella e Joaquim Peixinho.

Durante o jantar tocou em uma sala proxima a charanga do Asylo Escola.

Semana Santa

Com o brilho e pompa costumadas teem decorrido, em Aveiro, durante esta semana as solemnidades com que a Egreja commemora a paixão e morte do grande philosopho e inimitavel Democrata que tem na Historia o nome de Jesus Christo—o santo evangelisador da Egualdade, da Liberdade e da Fraternidade.

Almas da Areosa

E' no proximo domingo, 26 do corrente, que se festeja com grande pompa em Aguada de Cima, as Almas da Areosa. Os mordomos, que são os snrs. Albano Antunes, de S. Martinho; José Antunes, de Bustelo; Eduardo Thomé de Abrantes, da Forcada; Antonio M. O. Pinto, Francisco Gomes de Almeida e José Marques de Castro, de Aguada de Cima, não se poupam a trabalhos e despezas para o brilhantismo da festa.

Haverá na vespera, á noite, illuminação, fogos do ar e de côres, pelos pyrotechnicos Manoel Ribeiro, da Povoa do Bispo, e Antonio Corrêa Alves, de Travanca. Assistem, tanto na vespera como no dia, duas phylarmonicas: a de Falgoselhe, sob a habil regencia do snr. Antonio Rodrigues de Almeida; e a de Cazal de Alvaro, sob a regencia do digno mestre snr. João Antonio Gonçalves, que executarão o seu bello reportorio.

No dia, haverá missa cantada a grande instrumental pela orchestra de Falgoselhe, que executará com grande exito a musica de *Badoni*. Prega ao Evangelho o digno rev. parocho da freguezia, snr. José Simões Roque; no fim da missa vae a procissão ao cruzeiro como é do costume, e de tarde haverá arraial, subindo ao coreto as referidas phylarmonicas.

Associação Commercial

Recebemos, e agradecemos, o relatorio da direcção d'esta prestante associação relativo ao anno de 1907.

Por elle se vê quanta attenção tem a dita aggremiação prestado aos assumptos de sua competencia e os esforços que, perante os poderes do estado, ha empregado para conseguir-se a reforma dos serviços de pilotagem da barra de Aveiro, e o desenvolvimento da escola «Fernando Caldeira» que, como diz o relatorio, pela creação de officinas de carpintaria e ceramica, adequadas ás applicações praticas do ensino do desenho, e pela annexação de uma aula elementar de commercio, deverá tornar-se um precioso instrumento de educação, com o que concordamos.

Vê-se mais do dito relatorio que a referida associação vive em condições desafogadas e prosperas, pelo que muito a felicitamos.

Presos

Como de antigo uso e costume effectuou-se, na quarta-feira, o jantar aos presos das cadeias d'esta comarca. Nos demais annos tem sido offerecido pelo digno delegado do procurador regio. Este anno foi esse encargo espontaneamente assumido por todos os funccionarios e empregados judiciaes e advogados.

O jantar constou de sopa de carne com massa, cosido, carne assada com batatas, vinho e arroz dôce.

Os presos são em numero de desoito.

Touradas

Pelo snr. Domingos João dos Reis, emprezario da praça de touros d'esta cidade, acaba de ser contractada com o snr. Eduardo dos Santos, importante e acreditado creador de gado bravo do Ribatejo, a compra dos curros de rezes puras de tres a quatro annos, e que se destinam a ser lidadas em Aveiro nas quatro touradas que aquelle emprezario tenciona effectuar na proxima epoca.

Dizer o nome do lavrador e que os touros vão ser escolhidos por Jorge Cadete, a cargo de quem vae ficar a organisação dos respectivos *carteis*, cremos ser bastante para dar aos *afficionados* fundamentadas esperanças de quatro touradas de *chupêta*...

Novo deposito de bicycletas

O sr. Pompilio Ratolla abre, no proximo domingo, um deposito de bicycletas na rua de José Estevam, d'esta cidade.

Expõe á venda um enorme sortido de bicycletas e seus accessorios, aluga e concerta, para o que tem pessoal habilitado.

A elegancia das machinas, a modicidade nos preços e a seriedade com que o sr. Pompilio Ratolla costuma tractar, levam-nos a crêr que o negocio ha de prosperar, o que sinceramente desejamos.

Chronica de Cacia

V. S. Mattos é a demonstração vivida e palpavel do quanto o destino se compraz em *pirracear* as vocações dos grandes homens.

De facto, o illustre *caciano*, perdão! o preclaro sarrazollense, tendo proporções para ser um jornalista de grandes recursos apparece-nos apenas jornaleiro... nas folhas de pagamento da Camara Municipal.

Podendo ser um tribuno de palavra fluente e suggestiva crystallisou em berrador desconnexo, nada cedendo em cathegoria e popularidade ao seu illustre competidor, o grande «Ravachol» da feira d'Alcantara. As suas perlengas quotidianas á porta ferrea do jardim da Estrella assim o attestam, de tal modo os seus conceitos e imagens correm parelhas com os d'aquelles seus collegas que, com verbo inflamado, fazem nas praças publicas a apologia rasgada das pilulas Pink e outros salvaterios da pobre humanidade enferma.

E que dizer do olympico desdem com que este *maduro* encara os seus oppositores na debatida questão da Samouqueira?

Ao lêl-o temos, invariavelmente a impressão de tratarmos com um cathedratico da universidade... da Moita, diplomada em *jumencia*, tanta é a diarrheia de dislates attentatorios da logica e do bom senso.

Alguma coisa d'irrisorio a minha terra havia de dar a luz para nos desopilar o espirito e a figadeira.

Deu-nos o Venancio!...

Vem isto a proposito, caros leitores, d'uma questão d'interesse local, d'uma verdadeira manigancia, com que se pretende burlar os povos dos logares da Quintã e Cacia, só porque estes *herecticos* não quizeram contribuir com a sua bolsa para custear as despezas d'uma residencia nova para o seu desinteressado pastor d'almas.

Tal recusa é deveras symptomatica dos tempos que vão correndo, pois constitue uma bella demonstração de que os espiritos se vão gradualmente libertando de prejuizos e preconceitos que são a causa unica e remota da inferioridade do nosso povo.

Que fazer, pois, n'uma conjunctura d'estas? Desistir? Qual! Appella-se para a ameaça, para a burla, para a extorsão e, se tanto fôr preciso, para a violencia, tal é o diabolico e pouco evangelico plano d'alguns santos varões da minha terra. Que importa que alguns orphãos fiquem votados á mais completa indigencia!?

Que importa que os direitos d'outrem sejam cavilosamente postergados se tal é a condição para a *troupe* fazer vingar os seus criminosos designios!?

E' preciso torcer a logica para a consecução do vergonhoso intento?

Quem se oppõe? A casuistica clerical é bastante ampla para n'ella caberem todos os subterfugios da rabulice humana; portanto, avante!

Tal foi, temos a certeza, o machiavelico raciocinio da seraphica *cooperativa* interessada n'esta immoral campanha da Samouqueira, antes do seu inicio.

Mas logo a principio uma dificuldade se lhes deparou: Carecia-se d'um homem, d'um testa de ferro, emfim, d'um mercenario que rabiscasse nas gazetas em prol da manigancia. Quem havia de ser? Euréka! exclama um d'elles. E, pitadeando-se, declinou o nome d'um intruso da nossa terra que, á cautella e confiado na impunidade, adoptou para os seus escriptos um pseudonymo, afim de desnortear o publico. De nada lhe serviu, porem, a precaução. O *melro* está a estas horas bem filado. Todos o conhecem de *gingeira* e, por nossa parte, podemos garantir que o temos nas *unhas*. Foi talvez por perceber isto que o *passarôco* deu homem por si impingindo-nos, como *mulla de reforço*, sabem quem?...

O Venancio. Ora se a causa que defendia estava muito compromettida agora, com tão excellente acquisição, passa a estar irremediavelmente perdida, pelo que desde já felicitamos todos os ameaçados da expoliação.

A intervenção do Venancio na contenda tem para nós a apreciavel vantagem de evitar que ella degenere em tragedia, pois que elle, pela sua disfructavel philaucia, dá-nos sobejas garantias de que tudo se limitará aos dominios da farça. Por isso o caso nos traz prazenteiros e só uma coisa nos intriga: é a reviravolta que o grande homem operou nas suas convicções. Sim! por que bulas se transformou o Venancio em esforçado campeão dos *Pápa Hostias* da nossa freguezia, revogando assim todo o seu passado d'iconoclasta? Acaso a *cooperativa* tambem lhe prometteu bonus a custo dos herejes da Quintã e Cacia? O que o levaria a pôr ao serviço da reacção a sua inconfundivel *penna estylete?*

Alguem poderá responder-nos?

Esperemos. Talvez que algum conterraneo nosso se sinta habilitado a elucidar-nos.

E até domingo.

Cacia, 5—4—908.

Aido de Cima.

ANNUNCIOS